



EMBARGO ATÉ O MOMENTO EM QUE O TEXTO É PRONUNCIADO

**Congregações Gerais 12 - 18 de outubro de 2023
Intuições espirituais**

Concílio de Jerusalém

Fr. Timothy Radcliffe, OP

Então: "Participação, governo e autoridade: Que processos, estruturas e instituições são necessários numa Igreja sinodal missionária?"

Lucas, cuja festa celebramos hoje, fala-nos, nos Atos 15, do chamado Concílio de Jerusalém, convocado para enfrentar a primeira grande crise da Igreja depois do Pentecostes. A Igreja está profundamente fraturada. Em primeiro lugar, entre a Igreja de Jerusalém e Paulo, com o seu Evangelho de libertação da lei; no seio da Igreja de Jerusalém, os fariseus convertidos estão divididos dos restantes, e os apóstolos, liderados por Pedro, estão provavelmente divididos dos "anciãos" que olhavam para Tiago, o irmão do Senhor. Desse modo, a Igreja enfrentou uma crise de identidade que excede tudo o que podemos imaginar atualmente.

O Papa Francisco disse em Lisboa, este verão, que “uma vida sem crise é uma vida asséptica... uma vida sem crise é como água parada, não serve para nada, não sabe a nada.”¹ Amadurecemos através das crises, desde a crise do nosso nascimento até à crise da morte. Se abraçarmos as crises com esperança, hemos de florescer. Se tentarmos evitá-las, nunca cresceremos. Os meus irmãos americanos deram-me uma t-shirt que dizia: “Tenha uma boa crise!”

Lemos que: “os apóstolos e os anciãos reuniram-se para tratar desse assunto” (Atos 15,6). A Igreja está sempre a ser reunida, como estamos hoje no Sínodo. Na terceira Oração Eucarística, dizemos: "não cessais de reunir para Vós um povo, que, de um extremo ao outro da terra, Vos ofereça uma oblação pura". A palavra grega para Igreja, *ekklesia*, significa "reunião". Estaremos nós dispostos a ser reunidos, não apenas fisicamente, mas também nos nossos corações e mentes? Olhando para Jerusalém antes da sua morte, Jesus disse: "Quantas vezes eu quis reunir teus filhos, co-mo a galinha reúne os pintainhos debaixo das asas, mas não quiseste!" (Lucas 13,34). Estaremos nós dispostos a ser atraídos para além da incompreensão e da suspeita mútuas? Ou seremos como o irmão mais velho da parábola do filho pródigo, que fica à beira do abismo, recusando-se a ser reunido na alegria do regresso do seu irmão?

Os discípulos reuniram-se em Jerusalém para serem enviados a Antioquia e a todo o mundo. Nós reunimo-nos na Eucaristia para sermos enviados. É a respiração do Espírito Santo nos nossos pulmões, que nos reúne e nos envia, oxigenando o sangue vital da Igreja. Somos reunidos para descobrir a paz uns com os outros e somos enviados para proclamá-la ao nosso

¹ Respondendo às perguntas dos jovens, Dia Mundial da Juventude.

mundo pobre, crucificado por uma violência cada vez maior, na Ucrânia, na Terra Santa, em Myanmar, no Sudão e em tantos outros lugares. Como podemos ser um sinal de paz se estamos divididos entre nós?

O Concílio de Jerusalém reuniu-se "em nome de Jesus", como nós também o estamos a fazer. No Sínodo, rezamos todos os dias: "Estamos diante de Vós, Espírito Santo, reunidos *em Vosso nome*". Estar reunido em nome do Senhor significa ter a certeza de que a graça de Deus está a atuar poderosamente em nós. Pedro disse ao aleijado junto à porta do Templo: "Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, [levanta-te e] anda!" (Atos 3,6). Muitas vezes as pessoas têm-me dito: "Este Sínodo não vai mudar nada". Alguns com esperança e outros com medo. É uma falta de fé no nome do Senhor, "o Nome que está acima de todo nome" (Filipenses 2,9). Um hino antigo começa assim: "Hoje, eu me uno a mim mesmo, o nome forte da Trindade". Se estivermos reunidos no nome forte da Trindade, a Igreja *será* renovada, embora talvez de formas que não são imediatamente óbvias. Não se trata de otimismo, mas da nossa fé Apostólica.

O meu primeiro grande professor foi um dominicano cingalês, Cornelius Ernst. Ele escreveu sobre o poder da graça de Deus para fazer o novo. Passo a citar: "É a aurora, a descoberta, a primavera, o novo nascimento, a vinda à luz, o despertar, a transcendência, a libertação, o êxtase, o consentimento nupcial, a dádiva, o perdão, a reconciliação, a revolução, a fé, a esperança, o amor.... é o poder de transformar e renovar todas as coisas: "Eis que faço novas todas as coisas" (Ap 21,5)²" A Igreja é sempre nova, como Deus, o Ancião de Dias e a criança recém-nascida.

Os discípulos reúnem-se porque veem que Deus *já* estava a fazer algo de novo. Deus tinha ido à frente deles. Eles tinham de apanhar o Espírito Santo. Pedro proclama que "Deus, que conhece os corações, lhes prestou [aos Gentios] uma comprovação, dando-lhes o Espírito Santo como o deu a nós. E não fez discriminação entre nós e eles, mas purificou o coração deles mediante a fé" (Atos 15,8).

Para São Tiago, o irmão do Senhor, este facto foi certamente o mais difícil de aceitar. A sua identidade baseava-se numa relação de sangue com o Senhor. É maravilhoso que seja *ele a* proclamar esta nova identidade. "Pareceu bem ao Espírito Santo e a *nós*." Que coragem e que fé devem ter sido necessárias para dizer "nós", uma identidade que reúne toda a Igreja dividida. Continua a chamar Pedro pelo seu antigo nome de família, "Simão". Só lentamente está a despertar para essa nova identidade, uma Igreja de judeus e gentios. Isso levou tempo, assim como acontece connosco.

Durante a guerra civil no Burundi, percorri o país com dois dos meus confrades, um hútu e um tutsi. À noite, celebrávamos a Eucaristia os três juntos. Um inglês e dois africanos, um hútu e um tutsi: Um novo sentido do 'nós'. Recebemo-lo na Eucaristia antes de o compreendermos na nossa mente e no nosso coração.

Hoje, o nosso Deus já está a dar vida a uma Igreja que já não é primordialmente ocidental: uma Igreja que é católica oriental, e asiática, e africana e latino-americana. É uma Igreja na qual as mulheres já estão a assumir responsabilidades e a renovar a nossa teologia e espiritualidade. Já os jovens de todo o mundo, como vimos em Lisboa, estão a levar-nos em novas direções, para o Continente Digital. No Prefácio dos Homens e Mulheres Santos, agradecemos a Deus porque

² *The Theology of Grace* Dublin 1974 p. 74f

"renovais a Igreja em todos os tempos, suscitando homens e mulheres que se distinguem pela santidade". Eles já estão entre nós. Nós perguntamos justamente: o que devemos fazer? Uma pergunta ainda mais fundamental é: O que é que *Deus* está a fazer? Será que aceitamos a graciosa novidade de Deus? Acreditam que alguns dominicanos até se opuseram a Santo Inácio de Loyola? *Nostra culpa*.

Curiosamente, Tiago só consegue entender o novo como uma reconstrução do antigo. Cita Amós: "Depois disto voltarei, e reconstruirei a morada de David, que caiu; das suas ruínas a reconstruirei, e a levantarei, para que todos os outros povos procurem o Senhor, todos os gentios sobre os quais o meu nome foi invocado". O novo é sempre uma renovação inesperada do antigo. É por isso que qualquer oposição entre tradição e progresso é totalmente estranha ao catolicismo.

Vamos agora refletir sobre quais novos processos, instituições e estruturas são necessários. Não se trata de soluções para problemas de gestão, mas de expressões mais completas daquilo que somos. A história da Igreja é uma história de criatividade institucional sem fim. Depois do Cristianismo se ter tornado uma religião reconhecida do Império Romano, surgiram novas formas de vida cristã nos pais e mães do deserto, para contrabalançar os novos perigos da riqueza. No século XIII, surgiram novas Universidades para sustentar uma nova visão do que é ser humano. Durante a Revolução Industrial, surgiram centenas de novas formas de vida religiosa, para exprimir o que somos como irmãos e irmãs dos novos pobres urbanos.

De que instituições precisamos para exprimir o que somos como homens e mulheres de paz numa época de violência, habitantes do Continente Digital? Cada batizado é um profeta. Como é que reconhecemos e abraçamos o papel da profecia na Igreja hoje³? E a voz profética das mulheres, ainda frequentemente vistas como "hóspedes na sua própria casa"⁴?

Finalmente, o Concílio de Jerusalém retirou aos gentios os fardos desnecessários. "Pois decidimos, o Espírito Santo e nós, não vos impor nenhum fardo, além destas coisas indispensáveis" (versículo 28). São libertados duma identidade dada pela antiga Lei.

Como tirar o fardo dos ombros cansados dos nossos irmãos e irmãs de hoje, que muitas vezes se sentem pouco à vontade na Igreja? Não será através de algo tão dramático como a abolição da Lei. Nem será através de uma mudança tão fundamental na nossa identidade como a admissão dos gentios.

Mas somos chamados a abraçar um sentido mais profundo de quem somos como amigos improváveis do Senhor, cuja amizade escandalosa ultrapassa todas as fronteiras. Muitos de nós chorámos quando ouvimos falar daquela jovem que se suicidou porque era bissexual e não se sentia bem-vinda. Espero que isso nos tenha mudado. O Santo Padre recordou-nos que todos são bem-vindos: todos, todos, todos.

Um homem estava perdido na Irlanda. Perguntou a um agricultor: "Como é que chego a Dublin?" O agricultor respondeu-lhe: "Se eu quisesse ir para Dublin, não começaria aqui". Mas onde quer que as pessoas estejam, é aí que começa a viagem para casa, a casa da Igreja e a casa do Reino.

³ Massimo Faggioli 'Notes on Prophecy and Ecclesiology and Synodality from the Second Vatican Council to Today'. *Irish Theological Quarterly* 1 - 15. 2023.

⁴ Carmel McEnroy, *Guests in Their Own House: The Women of Vatican II*, Crossroad, Nova Iorque, 2011